

editorial

A cana-de-açúcar e o Nordeste

Renato Cunha

Em 1927, a Usina Serra Grande, de Alagoas, já lançava o álcool automotivo. A iniciativa pioneira dava início a era do álcool-motor "USGA", substituído da então gasolina importada, fenômeno que ainda atualmente ocorre, reduzindo de maneira negativa os saldos da balança de divisas do Brasil.

O desequilíbrio energético e a desorientação de foco continuam no "dirigismo" da Política Federal, comprometendo os cerca de 17%, que os renováveis, ainda conseguem alcançar na matriz energética.

O esforço de prospecção em nossa região está sempre buscando avançar, se constituindo as universidades: UFPE, UFRPE, UFAL e outras, só para mencionar estas, partem de um celeiro produtor de capital intelectual e de desenvolvimento tecnológico muito relevante na produção do conhecimento agroindustrial aplicado.

Quem nunca visitou uma planta da indústria da cana não pode aquilatar a tecnologia envolvida nos processos. Apesar das enormes dificuldades na nossa agenda nacional, ainda assim, no Nordeste, procuramos caminhar em sintonia com a inovação. Nós temos o desafio de usar a criatividade como diferencial para superação das adversidades de clima, topografia, solo e de outros fatores que comprometem diretamente os resultados da produção.

Aqueles que já visitaram nossas estações experimentais têm como constatar os progressos em genética, logística de matérias-primas, mecanização

Há muito a perder para o País se a indústria da cana continuar a ser alijada

de colheita, inclusive nas encostas.

Embora padecendo da irregularidade e descontinuidade do suporte de crédito desburocratizado e estruturante de longo prazo, ainda assim, o esforço de atualização tecnológica e plenamente presente em várias empresas, por exemplo, sob as formas de:

- Lavagem a seco, com eliminação de impurezas minerais nos processamentos industriais, e consequentes economias de água e preservação de palhas, pontas, e materiais celulósicos, imprescindíveis ao etanol de "segunda geração";

- Aproveitamento do material celulósico em pellets e enfardamentos para utilização, dentre outras, em combustão de termicas;

- Acionamento elétrico, com mais economia de vapor nas moendas e no preparo de moagem;

- Geradores e caldeiras de alta pressão, com eficiência para as unidades termicas - UTEs das usinas, visando maior otimização da geração da bioeletricidade, inclusive com melhor instrumentação e automação;

- Turbinas híbridas de condensação com extração, que melhor regulam a

pressão de vapor do processo;

- Modernização de turbinas nas pequenas centrais hidrelétricas e processos de irrigação mais compatíveis com a segurança hídrica existente;

- Destilação e fermentação mais racionais em perdas, com possibilidade da produção de diversos tipos de etanol e até álcool neutro, fino, na rota sucroalcoólquímica, etc.;

- Otimização do metano da vinhaça, para a produção de energia elétrica, além da fertilização dos solos;

- Investimentos em construção e aprimoramento de processos de refinação do açúcar e daqueles tipos mais demandados para embarques por containers.

Portanto, o que o segmento almeja do governo federal são regras previsíveis vis-à-vis mecanismos instáveis dos preços finais da gasolina que, ora são parametrizados artificialmente, impondo-se perigosa perda de competitividade a um gerador respeitado de empregos no campo, que evita êxodo desordenado para as grandes cidades, hidratando com renda e tributos inúmeros municípios do país.

Pelo exposto, seguramente haveria muito a perder para o Brasil, se a indústria da cana-de-açúcar continuar a ser alijada, fato que todos os envolvidos se insurgem, movidos por grande capacidade de auto comprometimento, diálogo, mobilização, e sobretudo com vigorosa resistência.

☉ **Renato A. Pontes Cunha** é presidente do Sindaçúcar, vice-presidente do Fórum Nacional Sucroenergético e um dos vice-presidentes da Fiepe